

## **Cotidiano e Memórias: trabalho feminino e a dinâmica societária de São Gonçalo dos Campos –Bahia,1950-1980.**

*ROSANA FALCÃO LESSA<sup>1</sup>*

São Gonçalo dos Campos, localizado no interior da Bahia, faz parte da região do Recôncavo na qual a cultura fumageira foi economicamente predominante até meados do século XX, quando seu cultivo começou a entrar em declínio. A princípio, pela diminuição de investimentos por parte do governo e pelas intempéries climáticas que desestruturaram a produção da região. É importante destacar que São Gonçalo dos Campos pertencia a Cachoeira até 28 de Julho de 1884, data de sua emancipação política. Em 1920, de acordo com recenseamento oficial, a cidade destacou-se economicamente pela produção de fumo, que era sua atividade econômica mais relevante.

Há registros de que o município produzia o melhor fumo da Bahia e sempre teve nesse produto sua principal fonte de riqueza, desde o período Colonial até 1959, quando seu cultivo começou a entrar em declínio. Segundo informantes o melhor fumo estava na Zona da Mata Baiana, que corresponde à zona do Recôncavo, onde se destacava São Gonçalo dos Campos, através da marca “Exclusivo São Gonçalo” exportado pelos Pedreiras<sup>2</sup>.

A qualidade do fumo era tão reconhecida que, em 1941, o então interventor da Bahia, Landulfo Alves, desapropriou 100 hectares de terra para atender os pequenos agricultores que quisessem plantar o fumo, além de construir naquele campo estufas para secagem e produção de cigarros. João Antonil, em trabalho clássico da historiografia brasileira já comentava a predominância da cultura fumageira em Campos de Cachoeira, denominação de São Gonçalo dos Campos quando ainda pertencia à comarca de Cachoeira.

Há pouco mais de cem anos que esta folha se começou a plantar e beneficiar na Bahia e vendo o primeiro que a plantou o lucro e boa aceitação em Lisboa animou-se a plantar mais. Até que imitado por vizinhos, que com ambição a plantaram e enviaram em maior quantidade, e depois de grande parte dos moradores dos Campos que chamam da cachoeira, e de outros do sertão da Bahia, passou pouco a pouco a ser um dos gêneros de maior estimação que

---

<sup>1</sup> Mestra em História- UEFS/ rosana.lessa@ig.com.br

<sup>2</sup> O fumo da cidade esteve concentrado nas mãos de famílias tradicionais, cujos direitos passam de pai para filho, como no caso da família Pedreira.

hoje saem desta América meridional para o reino de Portugal e para outros reinos e repúblicas de nação estranha (ANTONIL, 1963.p.59).

Embora se deva evidenciar a qualidade e a importância do fumo para o município não podemos esquecer que, como ressalta Valdemiro Lopes dos Santos (1990), a vulnerabilidade da fumicultura em vários aspectos: a comercialização e beneficiamento da produção torna esta atividade inteiramente dependente de fatores externos e a fragilidade da organização das relações de produção faz com que o trabalhador fique sempre preso a uma cadeia de subordinação. O fumo era cultivado sem nenhum poder de barganha e ainda sofria com a falta de crédito por parte do governo

A possibilidade de trazer à tona o cotidiano das mulheres charuteiras desse município baiano advém da ampliação do campo da história com o movimento de Annales, na França em 1929, que é tido como marco simbólico de constituição de uma nova história. A revista e o movimento fundados por Bloch e Febvre propunham uma história-problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico. A interdisciplinaridade serviria, desde então, como base para formulação de novos problemas, métodos e abordagens na pesquisa histórica, que estaria inscrita na vaguidão oportuna da palavra social<sup>3</sup>.

Nessa perspectiva de ampliação dos objetos de estudos da história emerge a importância de focalizar o cotidiano regional e local, pois a história regional e local dá visibilidade a pequenos mundos, alcançando saberes e viveres populares em dimensões inatingíveis pelas macro-abordagens, permitindo ao historiador analisar articulações cotidianas nos níveis social, econômico, político e cultural de determinado grupo social e suas circunstâncias ambientais e temporais, chegando a relações familiares e pessoais, segundo Erivaldo Fagundes Neves a História Regional e Local consiste numa proposta de estudo de atividades de um determinado grupo social historicamente constituído, conectado numa base territorial com vínculos e atividades, como manifestações culturais, organização comunitária, práticas econômicas, identificando-se as suas

---

<sup>3</sup> CASTRO, Hebe. História Social. In Domínios da História. CARDOSO, Ciro Falmarion e VAIFANS, Ronaldo (org).Rio de Janeiro:Campus,1997.pp45.

interações internas e articulações exteriores e mantendo-se a perspectiva da totalidade histórica<sup>4</sup>.

Para Janaína Amado o estudo do regional abre novas possibilidades de análise do nacional, aflorando o específico, o próprio, o particular. Enquanto a historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade, apresentando o contexto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, fazendo a ponte entre o indivíduo e o social<sup>5</sup>. A História Regional e Local sem perder a dimensão de totalidade, restringe o objeto espacial de estudo, permitindo a ampliação do temporal, com a interdisciplinaridade e universalização do conhecimento. Sendo assim, quando abordamos a história de regiões como a cidade citada, elabora - se a história dos marginalizados, do popular ou dos vencidos<sup>6</sup>.

Nesse sentido os estudos de Gênero efetuados nas décadas de 1970 e 1980 permitiram acrescentar novos temas aos então chamados estudos sobre a mulher e alargar os modos convencionais de fazer ciência, abrindo espaço para experiências pessoais e subjetivas das mulheres. Nessa construção, gênero foi desenvolvido como uma categoria de análise, do mesmo modo que classe social e raça, os três eixos de organização de poder na sociedade<sup>7</sup>. Dessa maneira a historicidade do cotidiano permite focalizar as vivências das mulheres pobres de São Gonçalo dos Campos, narradas a partir de suas próprias lembranças de um período que a economia do município estava pautada na fumicultura e estas mulheres formavam a mão - de - obra predominante, segundo Elizabeth Souza Lobo a naturalização do modelo conceitual de trabalho ser masculino impossibilita de perceber as assimetrias de gênero no interior das análises dos mecanismos de controle e de submissão que sempre estiveram ocultas por detrás das formas de dominação de classe.<sup>8</sup> Nesse sentido essa mesma autora amplia o estudo sobre trabalho feminino ao contestar a primazia explicativa clássica dos determinantes

---

<sup>4</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. História Regional e Local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia, 2002. PP 45.

<sup>5</sup> AMADO, Janaína. História e Região reconstruindo espaço. In :Silva, Marcos(org.). República em Migalhas: História Regional e Local. Brasília CNPq: marco Zero.1990. p.11 e 12.

<sup>6</sup> SILVA, Narciso Amâncio da. Decadência Fumageira:São Gonçalo dos Campos,1951-1976.Monografia de Especialização.Universidade Estadual de Feira de Santana,2001.p.09.

<sup>7</sup> Scott, Joan.Gênero: uma categoria útil de análise histórica.Educação e realidade.Porto Alegre,v.16,n.2,p.5-22,1990 .

<sup>8</sup> LOBO, Elizabeth Souza. A classe Operária tem dois sexos. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.p.195

econômicos- estruturais sobre os significados da subjetividade e da experiência. Os fenômenos sobre os quais se apóia a análise, antes localizados na economia ou na produção, passam a ser buscados nas diferenças e nas relações da força e de poder entre atores que são capazes de ter iniciativa, de se ver a si mesmos, de lutar e de vivenciar o seu pertencimento a um sexo. Elizabeth Lobo, Helena Hirata, Cristina Bruschini, entre outras questionaram as segmentações do mercado de trabalho ao tratar as qualificações masculinas e femininas, as trajetórias profissionais, os setores e ocupações destinados a homens e mulheres como construções históricas, sociais culturais, dessa forma a idéia de transversalidade de gênero permite pensar a ligação indissociável entre opressão sexual (e de classe) exploração econômica (de sexo).

Seguindo essa perspectiva, o trabalho feminino foi a base de sustentação econômica do município no período estudado, embora essas mulheres tivessem pouca visibilidade ou valorização, sendo reflexo de sociedade pautada em valores machistas, onde era naturalizada a subordinação feminina econômica e socialmente. Mesmo sendo produtoras da riqueza material da cidade a sua participação no trabalho era tida como complementar às outras etapas envolvidas para comercialização do fumo, ou era vista como complemento da renda dos maridos que igualmente a estas, exerciam atividades informais, conforme relata D. Ana Regina, trabalhadora de armazém, 76 anos, moradora da Fazenda Cedro,

Meu marido trabalhava numa fazenda e a gente tudo morava lá numa casinha e pagava a moradia com trabalho da família toda. Eu acordava cedo antes de ir para o armazém ajudava meu marido e meus filhos na lida na roça. Meu marido ficou desempregado porque o dono da fazenda morreu e os filhos dividiram a herança e mandou nós tudo ir embora de lá. Eu sustentava a casa com o dinheiro que ganhava do armazém e a gente foi morar na casa de mãe e era casa de taipa lá no cruzeiro. Foi um tempo muito difícil, José trabalhava de ajudante de pedreiro e arranjou uns bicos criando galinhas e porco para os meninos vender na feira, mas o dinheiro não dava para nada e ele se jogou na cachaça. Fiquei com tudo nas minhas costas até aposentadoria sair, demorou muito, nem gosto de me lembrar desse tempo.

Faz-se necessário pontuar que nem todas as mulheres eram casadas, casadas no sentido de possuírem união estável, consensual com um parceiro ao longo da vida ou mesmo no sentido tradicional, caso raro para mulheres pobres no período estudado, ter a relação legitimada pelos meios religiosos e judiciais, sendo que a maioria das mulheres possuía uniões instáveis, ou segundo a fala das mesmas eram amásias, amantes, e outras inúmeras adjetivações para mulheres que mantinham relacionamentos com vários homens e dessas relações resultavam filhos de parceiros diferentes. Nesse sentido deve

ser ressaltado que essas assumiam a responsabilidade de criar os filhos, sozinha sem a presença dos pais para ajudá-las nas despesas. Fica evidente em algumas falas que os homens não assumiam por alegar que os filhos podiam ser qualquer um e, sendo estes provenientes de relações ilícitas e as mulheres omitiam o caso por se sentirem erradas pelo comportamento não condizente com a moral local, viam-se impossibilitadas de qualquer reivindicação.

Parte dos preconceitos que as desclassificavam socialmente provinham de valores machistas, misóginos, entranhados no sistema escravista e moldados no menosprezo do trabalho manual ou de qualquer ofício de subsistência. Além destes, também afetavam os preconceitos advindos da organização da família e do sistema de herança das classes dominantes, que as relegavam como excedentes sociais mães solteiras e concubinas, parte integrante do próprio sistema de dominação.<sup>9</sup>

D. Joana, em relato indica que, como outras mulheres, mantiveram-se como sustentáculo da família, ao contrário do senso comum, constituiu-se chefe –de- família no momento de dificuldades financeiras do marido, além de contornar essas dificuldades, estava presente em todas as atividades diárias para manter os filhos na escola, relata que:

No tempo que José trabalhava na fazenda todo mundo tinha que acordar cedo para trabalhar na roça dos patrão,limpar o terreno,cuidar das leras<sup>10</sup>,tirar leite e soltar os boi no pasto, de tardezinha os meninos ia pender os bois. Eu acordava junto, ainda tudo escuro para não deixar os meninos ir,eu ia no lugar deles, para deixar eles dormi mais um pouco para estudar.Naquele tempo era uma farda para os três o mais velho estudava de tarde, e o do meio de manhã,eles usavam a mesma farda e quando o mais novo entrou na escola ele usou essa farda também.O dinheiro não dava para comprar livro,mas fazia tudo para os meninos ir para escola,Heriquinho quando farda lascou, ficou um mês pedindo autorização para entrar na escola sem farda até receber dinheiro para comprar outra camisa.

Mulheres em sua maioria negras e pobres recebiam salários baixos, não tinham regime de trabalho regular e acabavam legitimando a idéia que exerciam uma atividade feminina por ser um trabalho minucioso e leve e por isso menos importante que o trabalho masculino. As memórias de D. Antonia têm grande relevância ao retratar esse aspecto, segundo a mesma,

---

<sup>9</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX.Editora Brasiliense,1984,p.9.

<sup>10</sup> Covas de plantações.

Os homens carregam fardos e imprensam o fumo, nós mulheres íamos destalar o fumo, lavar os galpão e costurava os sacos e tudo para o tratamento das folhas entende? O salário era diferente porque o trabalho dos homens era pesado.

Já era senso comum, até entre algumas mulheres, que o trabalho feminino era leve, mesmo tendo consciência que elas realizavam quase tudo para o beneficiamento do fumo, internalizavam teorias preconceituosas que atribuíam toda valorização ao trabalho masculino, sendo assim, consideravam as atividades realizadas por homens mais pesadas, demonstrando uma nítida sexualização do trabalho, pois eram atividades que exigiam força física, resistência, assim como, os setores de chefia, mais valorizados, como gerentes, mestres e contra- mestres eram masculinos, sendo notório em alguns relatos a consciência da exploração de seu trabalho e a relevância que este tinha para sustentação das elites cidadinas. É perceptível a reação dessas mulheres contra exploração do trabalho utilizando de táticas particulares para compensar os baixos salários que recebiam, conforme um dos entrevistados havia mulheres que levavam trouxas de fumo para destalar em casa e retiravam folhas para ganhos próprios confeccionando charutos,

Elas tinham que pesar o fumo na saída e depois que chegavam para ver se o peso era o normal para a trouxa que elas tinha levado,mas tinha mulher q tirava tanto fumo e completava as trouxa com areia para enrolar o povo<sup>11</sup>...

As mulheres charuteiras apresentavam reações particulares e coletivas para que pudessem legitimar a importância de seu trabalho e estabelecer ganhos que possibilitassem a manutenção familiar, ou seja, mesmo que seus discursos legitimassem a importância do trabalho masculino, desenvolviam estratégias para compensar a exploração do trabalho. Dentre tantas as reações a criação do Sindicato dos Trabalhadores do fumo foi a que mais deu visibilidade à atuação dessas mulheres como mão de obra ostensiva no município estudado, visto que maior parte dos filiados eram do sexo feminino e que apresentavam e maior número de reivindicações.

São evidenciadas as experiências femininas nessa atividade econômica, a partir de 1950, década do apogeu da fumicultura na região, visto que, nesse período São Gonçalo dos Campos possuía 14 armazéns de beneficiamento do fumo em pleno funcionamento, nos quais a mão –de- obra predominante era feminina, enquanto que a masculina era

---

<sup>11</sup> Depoimento de um mestre de armazém que prefere não ser citado.

aproveitada, sobretudo na seleção, enfiamento do fumo e na confecção de caixas e embalagens de charutos. É necessário destacar que nesse período não havia na cidade, segundo alguns informantes, grandes fábricas de charutos. Ao contrário, existiam inúmeras manufaturas domésticas que utilizavam o trabalho feminino, mas como constituíam fabrico de pequeno porte não davam grandes lucros.

Ainda nesta primeira década, foi criado em 1959 o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo separadamente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais eram justamente as mulheres que iam reivindicar seus direitos trabalhistas essas chefes de família lutavam contra a exploração do trabalho reivindicando seus direitos via essa organização sindical.

Nessa mesma década de 50, porém, matérias jornalísticas alertavam para uma possível decadência do fumo, na Região:

O cultivo do fumo exige assistência de um grande número de trabalhadores e não pode ser substituídos por maquinismos agrícolas, como conzinha, por ser a lavoura do pobre incapaz de oferecer recursos aos seus cultivadores para adquiri-los.

A falta de machinas acaba agravando a situação do lavrador, a falta de braços e dahi a queda da produção trazendo consigo as consequencias alludidas.

Consideramos este o mais importante factor, pois, o único que lhes poderia supplantar, há bastante annos não nos faz sentir seus efeitos... a irregularidade das estações. Mas... se quizermos melhorar a situação não será difícil ; bastaria que os trapiches seleccionassem os seus trabalhadores, evitando o grande numero de braços que sahem das fazendas para trabalhar nos armazéns de escolha. Na enorme multidão que esperava a hora regulamentar para o inicio dos trabalhos, na segunda- feira, grande parte vieram das fazendas exactamente nesta epocca que começa a cultura desse produto, exigindo grande número de braços.

Cuidemos do presente para garantir o futuro!<sup>12</sup>

Há uma nítida inquietação relacionada ao futuro, pois plantio e o beneficiamento do fumo foram atividades que proporcionaram destaque no cenário econômico à cidade de São Gonçalo dos Campos, que se tornou uma das cidades prósperas do Recôncavo Baiano. Como consequência desse crescimento o município se tornou independente de Cachoeira em 1884 e manteve-se durante muito tempo na categoria de cidade mais organizada e de abrigar uma elite com idéias modernizadoras o que proporcionou à

---

<sup>12</sup> Jornal A VERDADE, matéria: Cuidemos do Presente para Garantir o Futuro: é preciso evitar o decréscimo na produção de nossa principal lavoura. ANNO I, Cidade de São Gonçalo dos Campos - Ba, 27 de Fevereiro de 1937, nº16.

cidade uma urbanização planejada, tendo sido necessário o envio de alguns arquitetos á outras cidades brasileiras e européias para trazer as novidades para a localidade.

São Gonçalo dos Campos foi local de visita de várias pessoas influentes do Brasil desde D. Pedro II a Juracy Magalhães, Juscelino Kubitschek, Getúlio Vargas entre outros. Por possuir o título de Suíça Baiana, Cidade Jardim, pelo seu clima fresco e agradável, foi o local mais recomendado para cura de doenças, passeios e repouso de pessoas ricas vindas da capital baiana (Salvador) e de outros lugares do Brasil. Sendo assim, as elites citadinas, do período estudado, eram formadas pelos donos de armazéns, gerentes, fazendeiros e alguns comerciantes que se fizeram presentes na configuração atual do município patrocinando obras públicas e na ostentação de casarões no centro da cidade.

O recorte da pesquisa até 1980, com o declínio dessa atividade econômica e paradoxalmente a institucionalização do trabalho de charuteiras com a implantação da Menendez e Amerino fábrica de charutos destinados à exportação. Até então o trabalho na fumicultura era sazonal não dando uma segurança financeira aos trabalhadores que ficavam dependentes de vários fatores que interferiam nas colheitas.

Os autores que estudaram a cultura fumageira no Recôncavo Baiano, como Valdemiro Lopes, Silza Fraga Borba e Elizabete Rodrigues da Silva associaram a maior presença de mulheres nessa cultura de cultivo do fumo às condições de pobreza. Para Costa Pinto, essa predominância de mulheres, deve-se ao fato de ser mão-de-obra farta e barata, e também porque o trabalho exigia muita paciência e habilidade culturalmente construídas de mulheres. Contudo, faz-se necessário perceber no decorrer deste trabalho, que estas mulheres tiveram que se “desdobrar” em várias funções: de mulher, esposa, mãe e operária para dar conta de todas as atividades sem limitações. Elas desenvolveram formas de sobrevivência e solidariedade neste mundo do trabalho. Neste sentido, para compreender o dia -a- dia dessas mulheres é necessário perceber a vida cotidiana é a vida de todo homem e está relacionado ao lugar social ocupado pelos indivíduos (Heller, 2002,p.31).

Essas mulheres enfrentaram o preconceito e foram as primeiras do município de São Gonçalo dos Campos a romper as barreiras do lar, pois o trabalho doméstico até então não tinha visibilidade. Juntamente com maridos ou mesmo sozinhas, “arregaçaram as mangas” e foram buscar sustento fora de casa, deixando para trás os

tempos em que trabalhavam na “roça”, quando a maior parte das famílias sustentava-se exclusivamente da produção agrícola de subsistência, o que não era suficiente para suprir todas as necessidades sejam elas relacionadas à saúde, materiais e até mesmo alimentares<sup>13</sup>. Trabalho Feminino, neste contexto, deve ser entendido não como simples dispêndio de força física e mental, mas como atividade que envolve além desse dispêndio um conjunto de significados e representações presentes em todas as esferas da vida. Não sendo trabalho uma atividade isolada, mas aquilo no qual se baseia e reflete cada atividade isolada, ou seja, o conjunto de uma totalidade.

É dentro da abordagem referente ao cotidiano e ao gênero que a história da mulher fumageira de São Gonçalo dos Campos se insere, a partir de suas próprias visões e lembranças individuais enraizadas em vivências e experiências próprias. Paul Ricoeur<sup>14</sup> diz que contando história nos damos uma identidade, á medida que nos reconhecemos nas histórias que contamos.

Para escrever sobre a as mulheres charuteiras a oralidade é fonte específica para a revelação de suas ações cotidianas. Através desta que poderemos dar voz às essas trabalhadoras que foram de grande valia para o desenvolvimento e para história do município. Segundo Maria Izilda Matos (2002) a politização do cotidiano pressupõe uma comunicação entre o pesquisador e os testemunhos, que provem de um questionamento a partir da inserção do historiador no mundo contemporâneo. Envolve a interação do sujeito com o objeto, sem uma neutralidade prefixada, criando uma verdadeira sintonia entre o historiador e seu objeto de estudo<sup>15</sup>.

Os depoimentos orais permitem o registro de testemunhos e o acesso à “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado<sup>16</sup> dando visibilidade às especificidades locais confrontando as lembranças das charuteiras, assim como a percepção que as mesmas tinham de sua condição social, étnica e econômica com a história da cidade e trajetória da fumicultura no Município.

---

<sup>13</sup> Entrevistada: D. Antonia Célia

<sup>14</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papirus, 1994. Tomo I

<sup>15</sup> Matos, Maria Izilda. Cotidiano e Cultura: História, Cidadania e Trabalho. EDUSC, 2002. p.27

<sup>16</sup> ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: histórias dentro da História. IN PINSK, Carla B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006. p.20.

O uso das fontes orais torna-se imprescindível para investigar o cotidiano feminino, visões de mundo, valores concebidos de sua origem afro-descendente e as estratégias de sobrevivência frente à rotina árdua. Contudo, é preciso atentar para os problemas intrínsecos às fontes orais: a noção do tempo; o limite da memória, sempre seletiva; o envolvimento do pesquisador durante a entrevista, a não correspondência do relatório do grupo ao que tenha visto ou feito no passado, mas “o que queria fazer o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p.31). Por isso, é preciso captar as sutilezas das fontes orais e dá-lhe o melhor tratamento possível. As fontes orais abrem novas possibilidades para recriar um universo que foi marginalizado pelos documentos escritos, por privilegiarem a política e as instituições.

Os vestígios escritos foram as fontes mais utilizadas por Teixeira e Andrade (1984), particularmente os jornais “A Razão” e “A Verdade”, periódicos mais importantes que o município já teve, para escrever o livro Memória Histórica de São Gonçalo dos Campos, onde focalizam questões político e econômica, visto ter sido encomendado pelo então prefeito José Carlos de Lacerda, para comemorar o centenário de emancipação política do município. Dessa forma, faz-se necessários outros documentos escritos que tragam à vista a organização estrutural da fábrica e o seu impacto na organização sócio-econômica do município. No entanto, a escassez de fontes escritas sobre esse tema, no que diz respeito ao cotidiano dessas mulheres, levam-nos a optar prioritariamente pela fonte oral, pois os documentos existentes privilegiam muito mais a oficialidade do trabalho e da instituição, e não as ações cotidianas das trabalhadoras: “As dificuldades do historiador de penetrar no passado feminino tem levado os historiadores a lançarem mão da criatividade na busca de pistas que lhe permitam transpor o silêncio e a inviabilidade .”<sup>17</sup> Assim, privilegiei entrevistas com mulheres e alguns homens que trabalharam em armazéns no período estudado, e até mesmo anterior, e também alguns trabalhadores e diretores da Menendez, a primeira fábrica de charutos da cidade.

As mulheres e homens privilegiados possuíam acima de 70 anos e trabalharam no beneficiamento do fumo. Percebi nas fichas cadastrais que a maior parte dessas mulheres não tinha nenhum grau de instrução, visto que eram nascidas nas décadas 20 e

---

<sup>17</sup> SOIHET, Rachel . História das Mulheres. IN CARDOSO, Ciro Flamarion e VAIFAS, Ronaldo. Domínios da História, p.278.

30, período de grande dificuldade para negros e pobres por falta de políticas públicas voltadas para as classes populares. Trata-se de fichas de contratação de um armazém da cidade, antigo armazém Tabacos Urusil, posteriormente Tabarama, onde registrado o perfil dessas mulheres e suas ocupações no trabalho, assim como a carga horária que deveriam cumprir. Em geral eram mulheres negras, solteiras, com grau de instrução formal nulo e a idade variava de 18 a 55 anos, cujas trajetórias pesquisei também no Anuário Brasileiro do Fumo, fiz uso dos Relatórios de atividades diárias, normas internas dos armazéns e fábrica de charutos, jornais de circulação interna como a Verdade, a razão e o Campesino e as Atas de reuniões do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo.

Algumas delas eu entrevistei e pedi que me contassem as suas experiências. A partir dessas narrativas pude cruzar e contextualizar seus relatos com a história do município. Vale lembrar que,

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwacchs, nos anos 20 – 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Se destacamos, essa característica flutuante, mutável, da memória tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes ou imutáveis<sup>18</sup>.

Dentre muitas mulheres, Dona Ana Regina Cazumbá Queiroz, 76 anos, moradora da fazenda Cedro, que exerceu ofício de catadeira em alguns armazéns da cidade durante 44 anos, foi essencial para que eu pudesse entender o cotidiano dessas mulheres.

Assim como de grande relevância foram também as entrevistas com Seu Severiano Moreira de Freitas, 82 anos, que trabalhou 38 anos nos armazéns da cidade, como preenseiro, e também executando atividades como carga e descarga de fardos de fumo para os trabalhos diários. Depois de aposentado conseguiu alfabetizar-se e tornou-se pastor de igreja protestante. Seu Otávio Fernandes, 85 anos, primeiro presidente do sindicato dos trabalhadores da indústria do fumo e também trabalhador de

---

<sup>18</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5. N.10, 1992, p. 200-215.

armazém. Segundo o mesmo “já fiz de um tudo nessa vida, nunca tive medo de trabalho, quando vi muita exploração fui procurar meus direito, junto com Daniel Santana daí surgiu o Sindicato, depois disso todo mundo teve carteira assinada”.

Seu Otávio era pedreiro e perfurador de poços artesianos nos períodos de falta de trabalho nos armazéns, onde já executou todas atividades “masculinas”, como fazedor de fardos, descarregador e também já foi mestre ganhando notabilidade sendo um dos primeiros vereadores negro e pobre da cidade em 1984.

São de grande importância também os relatos de Seu Jairo Nascimento, 78 anos, gerente de armazém e músico profissional que durante 30 anos com muita arte, geriu o armazém da URUSIL, transformando as relações de trabalho mais agradáveis e proporcionando uma divisão sexual dos espaços físicos dentro dos armazéns, que segundo o mesmo, passaria ser um ambiente mais respeitoso. Além disso, conseguiu reviver no momento da entrevista o período que trabalhou no armazém, mantendo-me atenta sempre ao fato de que o momento da entrevista permite ao entrevistado reformular sua identidade, na medida em que se vê perante o outro. Ele se percebe “criador de sua história”, a partir do momento que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter consciência disso), questionando os elementos da vida social<sup>19</sup>.

As fontes orais fizeram-me perceber os lugares sociais das charuteiras no município, a partir de suas próprias experiências e vivências. Experiências no sentido thompsoniano, na qual esta se apresenta como base material da produção de conhecimento e da consciência, ou seja, o momento em que homens e mulheres retornam como sujeitos, não como sujeitos autônomos, mas como pessoas que experimentam suas relações produtivas determinadas como necessidades e interesses antagônicos<sup>20</sup>.

Através da percepção dessas mulheres, as representações que as mesmas têm si próprias em relação a percepções generalizantes fica evidenciada uma história “vista de baixo”, mostrando- as não só como vítimas da história, mas como pessoas capazes de

---

<sup>19</sup> LUCENA, Célia. Tempo e espaço nas imagens das lembranças. In: os desafios contemporâneos da história oral, p.220.

<sup>20</sup> Thompson, Paul. A Voz do Passado. 1992, p.187.

mudar o curso de suas vidas a partir de estratégias cotidianas e das experiências adquiridas ao longo de suas vidas.

No momento que se dá a industrialização, a partir de 1950, fica nítida a divisão sexual do trabalho na Menendez e Amerino, primeira fábrica de charutos da cidade, as representações que norteiam essa divisão, representação no sentido trabalhado por Chatier, onde há um envolvimento do processo de identificação, percepção, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. São também portadores do simbólico, ou seja, dizem mais do que nos mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais dispensando reflexões<sup>21</sup>. Nesse contexto é nítida a manutenção, rompimento e incorporação das tradições, pois devido à industrialização houve a exigência de charuto essencialmente cubano que diferiam muito dos moldes locais, ao mesmo tempo foram conservadas algumas tradições locais que ficam evidenciadas nas propagandas com mulheres negras e nomes romanescos da cultura baiana.

Através de pesquisas no município pode-se perceber que a Menendez quando iniciou suas atividades, visava empregar ambos os sexos nas fases de produção de charutos, até porque eles priorizavam operários que não tivessem experiências nessa atividade, pois pretendiam um charuto essencialmente cubano. Dessa forma promoveram um curso, de duração de seis meses, para o treinamento dos operários envolvendo ambos os sexos, sendo que, as representações acerca das identidades de gênero incorporadas no imaginário social da cidade fizeram com que os homens se afastassem dessa atividade, sendo ocupada predominantemente por mulheres e alguns homossexuais. Os homens foram ocupar outras atividades teoricamente “masculinas” por iniciativas próprias na fábrica.

As mulheres charuteiras de São Gonçalo dos Campos eram o sustentáculo das festas profanas e religiosas, pois muitas dessas mulheres eram participantes de irmandades negras e também, a atuação das mesmas no movimento sindical. Tendo em vista que em São Gonçalo dos Campos os negros fundaram várias irmandades, como a de nossa Senhora do Rosário, a da Boa Morte, a do Amparo, e a de São Benedito,

---

<sup>21</sup> Chartier, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. DIFEL, 1990.p.32

fundadas por homens negros pertencentes ao Quilombo Caracuanha (Pedreira,1984,p.19), localizado na Cruz. Esses negros se instalaram em uma rua em frente a Igreja Matriz, trazendo consigo o cruzeiro, símbolo da região em que estavam, fundaram a irmandade de São Benedito dando a rua o mesmo nome.

Em suma, a vida cotidiana é em grande medida, heterogênea, e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou a importância de novos tipos de atividades. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. A heterogeneidade é imprescindível para conseguir essa explicitação do normal da cotidianidade e o funcionamento rotineiro da hierarquia espontânea é igualmente necessário para que as esferas heterogêneas se mantenham em movimento simultâneo<sup>22</sup>. Segundo Maria Izilda Matos os estudos do cotidiano não representam opção para o pesquisador preocupado com um método que pressuponha equilíbrio estabilidade e funcionalidade. A temática do cotidiano é extremamente abrangente e impõe dificuldades para definições precisas. São muitos obstáculos para os pesquisadores que se atrevem enveredar pelos estudos do cotidiano: campo minado de incertezas, repleto de controvérsias e de ambigüidades; caminho inóspito para quem procura marcos teóricos fixos e muito definidos<sup>23</sup>, assim, logo nas primeiras páginas de Inventários da Diferenças Veyne postula que a História não é um inventário de todos os acontecimentos, mas também a individualização de cada acontecimento, essa individualização é aquilo que a explica e explicita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais: histórias dentro da História**. IN PINSK, Carla B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas**. IBGE. Conselho Nacional de Geografia, 1963. Edição de Divisão Cultural.

BARICKMAN, B. **Um Contraponto baiano: açúcar fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BORBA, Silva Fraga Costa. **Industrialização e Exportação do Fumo na Bahia, 1870- 1930**. (Dissertação de Mestrado de Ciências Humanas – UFBA). Salvador, 1975.

---

<sup>22</sup> Heller, Agnes, 2000, p.32.

<sup>23</sup> Matos, Maria Izilda. Cotidiano e Cultura. pp.32.

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos**. 3º ed. São Paulo: CIA das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.) **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Academia Baiana de Letras, Casa Jorge Amado; UFBA, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. DIFEL, 1990.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984.
- FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: São Paulo. Ed. UNICAMP, 2006.
- PINTO, Luiz Aguiar Costa. **Recôncavo Laboratório de uma experiência humana**. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.) *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Academia Baiana de Letras, Casa Jorge Amado; UFBA, 1998.
- HALL, Michael M. **História Oral: Os Riscos e Inocência**. In: *O Direito a Memória: Patrimônio histórico e Cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e História*. 7º ed. São Paulo: Paz e Terra.
- HOBBSAWM, Eric e TERENCE, Ranger. *Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. “Nas redes do conceito de gênero”. IN: LOPES, Marta Julia Marques (et. alli). **Gênero & Saúde**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- MATOS, Maria Izilda S. de. **Por Uma História da Mulher**. São Paulo: EDUSC, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Trama e poder: Indústria de sacarias para café São Paulo 1888-1934*. São Paulo: 7 letras, 2002.
- MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. **Bahia: Século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S/A, 1992.
- MATTOS, Hebe. **Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- Muniz, Durval. **História a arte de inventar o passado: Ensaios de teoria da História**. EDUSC, 2007.
- PRIORE, Mary Del. **Histórias das Mulheres: As vozes do silêncio**. IN: FREITAS, Marcos C. de. *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. IN: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, V.16, nº2, jul /dez. 1990.
- SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer Charutos: uma atividade feminina**. Salvador, 2001. Dissertação de Mestrado em História-(UFBA).
- SOIHET, Rachel. **Histórias das Mulheres**. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAIFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SONNEVILLE, J. **Os Lavradores de Fumo: Sapeaçú-BA, 1850-1940**. Salvador, Mestrado em Ciências Sociais-UFBA, 1982.
- TEIXEIRA, Marli Geralda e ANDRADE, Maria Jose de Souza. **Memória de São Gonçalo dos Campos**, 1988. Ed. comemorativa do 1º Centenário do município de São Gonçalo dos Campos.